

NOTAS SOBRE A IMPORTÂNCIA DO COMPARTILHAMENTO DE ALIMENTOS E DE TRABALHO EM UM *PUEBLO* DOS ANDES PERUANOS

Indira Viana Caballero
indiranahomi@yahoo.com.br
Pesquisadora Colégio Brasileiro de Altos Estudos/UFRJ
Doutora em Antropologia

Em Andamarca, *comunidade campesina* nos Andes peruanos, a comensalidade e a produção de alimentos, são atos criadores de socialidade e reciprocidade. Recusar comida e bebida é visto como um ato de *desprecio*, uma recusa à interação, ou, à possibilidade de criação de relação. O trabalho coletivo, empregado em diferentes momentos (construção de casas, limpeza de canais de irrigação, tarefas agrícolas), imprime um movimento para formação de coletivos, propiciando a manutenção e criação de laços. Recusar ou evitar o trabalho coletivo (*ayuda*, *apoyo* ou obrigação) são atitudes vistas como negativas pela maioria. Neste trabalho, consideramos o ‘trabalhar junto’ e ‘o comer junto’ como duas formas de familiarização, ou, de inclusão do outro em diferentes coletivos. Em ambos os casos, a premissa é não desconsiderar ninguém, de um lado, e não recusar-se a participar, de outro. Palavras-chave: alimentos, trabalho, compartilhar, recusar, relação.

INTRODUÇÃO

Em Andamarca, os habitantes definem-se como *campesinos* já que praticamente todos têm animais e *chácras*, também chamadas de *andenes*, plataformas agrícolas escalonadas que datam do período pré-hispânico. A complexa arquitetura e o sofisticado sistema de irrigação é o que torna possível o cultivo de alguns tubérculos e cereais nas encostas das montanhas, superando a inclinação de terrenos a aproximadamente 3.500 metros de altitude e o clima seco durante boa parte do ano. A atividade agrícola é destinada, sobretudo, para consumo próprio dos andamarquinos que vendem ou trocam pequenas partes de seus cultivos. Os queijos artesanais são o principal produto destinado para o comércio.

Andamarca, nome da sede do distrito Carmen del Salcedo – a menor unidade político-administrativa do país –, está situada na província de Lucanas, departamento de Ayacucho (Peru), e possui uma população de aproximadamente 2.500 habitantes falantes de espanhol e quéchua em sua maioria. O território de Andamarca está dividido em quatro bairros: Pata (oriente) e Tuna (ocidente), Ccarmencca (sul) e Antara (norte). Cabe ressaltar que *pata* e *tuna*

são as partes de um *andén*¹³⁹: *pata* é a borda, a parte da frente; e *tuna* é a parte posterior. Além da sede, o distrito possui três *anexas* ou pequenas vilas: Chiricre, Huaccaracca e Huayllahuarmi. A divisão em metades também se dá no âmbito do território do distrito: o rio Negromayo corta o vale dividindo-o em uma margem oriental, alimentada pelo rio Vizca; e uma margem ocidental, alimentada pelo próprio rio Negromayo.

O vale, região onde estão os *andenes* ou *chácras* de propriedade privada, propício para a prática da agricultura e criação de vacas leiteiras está dividido em dezoito *setores* para fins de irrigação e distribuição de água. A *puna* ou altiplano, onde estão situados os pastos coletivos (de propriedade da *comunidade*) destinados ao pastoreio estão igualmente divididos em dezoito *setores*. Todos os *comuneros*, assim como são chamados os membros da *comunidade*, têm o direito de usufruir desses terrenos e, para ter acesso a tal direito, bastam consultar o presidente do *setor* que lhe interessa. A disponibilidade de pastos, o número de animais e a anuência de outros usuários são requisitos importantes para definir se o *comunero* poderá ou não ser usuário de um *setor*.

Todas essas unidades, os *setores* da *puna* ou do vale, assim como os bairros, possuem um presidente, o qual é sempre acompanhado por um comitê (vice-presidente, secretário, tesoureiro, suplente), encarregado de cuidar de questões administrativas. A importância da divisão em partes está relacionada à capacidade de organização dos andamarquinos para diferentes fins. Em caso de *faena* por bairros, ou seja, um dia de prestação de trabalho coletivo e não remunerado para a *comunidade*, similar a um mutirão – como veremos a seguir –, os presidentes dos bairros são os responsáveis por recrutar os *comuneros*, organizar e fiscalizar o trabalho. Cada unidade é como uma equipe e as tarefas a serem executadas são distribuídas entre as equipes.

Conforme veremos a seguir, o trabalho coletivo possui grande ênfase na vida comunitária dos andamarquinos, emergindo como um ‘movimento’ agregador, criador de laços e mantenedor daqueles já existentes. Outro ‘movimento’ de grande importância nesse

¹³⁹ O princípio da origem quadripartite dos *ayllus* e dos *pueblos* está presente desde o mito que narra a origem de Andamarca (Ossio, 1992), o qual é intitulado “Os quatro irmãos Mayo”. Nessa narrativa, a origem de cada lugar que coincide com os anexos atuais é relacionada a um dos irmãos. Também é destacada a importância da água na origem de Andamarca, já que *mayo* significa rio.

sentido, são as festas, cujos participantes comem, bebem, dançam e cantam juntos. Entretanto, tal compartilhamento de substâncias não acontece somente nas festas. Durante o trabalho, nas *chácras* ou nas *faenas*, mascar coca, beber, fumar e comer junto são atos considerados fundamentais, sem os quais as atividades não podem acontecer. Dessa forma, compartilhar esforços, no caso do trabalho, e compartilhar substâncias, em diferentes ocasiões, é o que funda os vínculos da pessoa andamarquina, ou mesmo do forasteiro, com outros, com um coletivo, ou seja, é o que possibilita familiarizar. No sentido inverso, a recusa sistemática do compartilhamento, seja de esforço, seja de substâncias, é encarada pelos andamarquinos como uma recusa ao aprofundamento dos vínculos, das relações.

DAR, COMPARTILHAR, RECEBER

As festas da *comunidade* que envolvem todos os *comuneros* em geral estão estruturadas segundo a rotação de *cargos*. O sistema de *cargos* consiste num rodízio de *cargontes*, o que poderia ser traduzido por anfitriões que assumem o compromisso de dar a festa para toda *comunidade*, oferecendo comida, bebida e música a todos uma vez na vida. Existem *cargos* voluntários, no caso das festas religiosas, e *cargos* obrigatórios, como os da Festa da Água, a maior e a principal festa em Andamarca. A obrigação deriva da noção de que todo *comunero* assim como tem o direito de usar a água para dar vida a seus cultivos, tem também o dever de retribuir à *comunidade*. A água é vista pelos andamarquinos como um recurso de todos, logo, assumir um *cargo* nessa festa é uma forma de retribuir a todos já que as celebrações nessa ocasião giram em torno da manutenção do poder fertilizador da água através de oferendas e danças.

Cada festa é composta por um conjunto de *cargos*, o qual possui uma hierarquia. Jovens recém-casados, por exemplo, nunca serão responsáveis pelo *cargo* máximo, mas por um cargo proporcional à posição em que se encontram no momento. Há uma gradação de *cargos* por meio da qual se percebe uma lógica que leva em conta diferentes momentos da vida dos andamarquinos: desde os solteiros e recém-casados, a quem corresponde os *cargos* menores, até os casais que já alcançaram suficientes condições (idade madura, bens, filhos

adultos, já passaram *cargos* menores), os aspirantes a assumir o *cargo* máximo¹⁴⁰. Na Festa da Água, o *cargo* que ocupa o topo da hierarquia é o *mayor de danzantes*, anfitrião responsável pela atração principal da festa: os *danzantes de tijeras*¹⁴¹. Essa é uma obrigação exigida àqueles que usam maior volume de água para regar e, de acordo com um princípio de proporcionalidade, devem retribuir na mesma medida, responsabilizando-se pelo *cargo* mais importante e mais caro. A distribuição da água para irrigação prevê uma quantidade que deve ser repartida entre todos, para que não falte a ninguém. Ainda assim, fala-se muito de roubo de água, sendo corriqueira a noção de que *por água as pessoas brigam*, discutem, desentendem-se. Aquele que rouba está querendo mais do que a parte que lhe cabe, sendo uma falta sancionada com multa em dinheiro ou até a proibição de regar¹⁴².

Aquele que reúne todas as condições e ainda não assumiu um *cargo* correspondente tem chance de ser apontado diante de todos nas assembleias, espaços em que se definem assuntos referentes à vida coletiva. Para recusar, a pessoa indicada precisa de uma boa justificativa: doença grave na família, morte recente da esposa/filho/pais, devendo também realizar uma previsão do cumprimento do seu compromisso. Idealmente, trata-se de um constante concentrar e distribuir ao longo da vida; quando se alcança mais um nível da hierarquia social, considera-se que já é momento de assumir outra obrigação, até alcançar o topo dos *cargos*. Mesmo que o candidato não tenha recursos materiais para passar o *cargo*, apesar de ter idade, pode ter uma rede de familiares que o ajudarão a cumprir tal

¹⁴⁰ Trata-se de um “estímulo acumulativo” ao longo da vida dos andamarquinos ao qual Ossio se refere em sua tese (1992) e. O autor discorre sobre o “grau de madurez social” dos indivíduos, noção vinculada à ideia de “ciclo de desenvolvimento dos *comuneros*”. Seguindo esse movimento os indivíduos engrenam numa competição saudável, positiva, a qual é a base da vida social no mundo andino, “um estímulo poderoso para que esses mostrem suas habilidades acumulativas e persuasivas e, conseqüentemente, seu grau de madurez social” (1992b:263).

¹⁴¹ A *danza de tijeras* é originária dos departamentos de Ayacucho, Huancavelica, Apurímac e norte de Arequipa, na serra sul dos Andes Centrais do Peru. O *danzante* ou *danzaq*, em quéchua, desempenha sua *performance* sozinho ao som de violino e harpa, manuseando com apenas uma das mãos uma tesoura, considerada um instrumento musical. Essa dança é recusada um ritual propiciatório para o bom desenvolvimento do ano agrícola (Arce Sotelo, 2006).

¹⁴² Cada *comunero* deve observar algumas regras para exercer seu direito de uso sobre a água, como participar das *faenas*, pagar uma taxa etc.

responsabilidade: compadres, padrinhos, pais, irmãos, primos, tios. Assim, os parentes lhe darão em *ayni* – palavra quéchuá que significa retribuição, usada por muitos autores como sinônimo de reciprocidade (Barlett, 1988; Allen, 2008; Isbell, 2005) – ou seja, os parentes ajudarão esperando uma retribuição no futuro, quando cada um deles tiver uma obrigação semelhante. Também se fala em *ajudar* ou *apoiar* (além do verbo *dar*) com um dos requisitos importantes para a festa, invariavelmente música, comida e bebida.

Conforme os andamarquinos, o lado negativo do sistema de *cargos* é que ele *no te deja progresar*; tudo que foi economizado durante anos terá de ser gasto com a festa. Por outro lado, quando alguém passa *cargo*, além de *cumprir* com a obrigação, questão de honra e reputação, também pode ganhar muito prestígio entre os *comuneros*. Tudo depende se será considerado bom anfitrião, e para que isso aconteça é necessário que haja bons músicos e dançarinos, fartura de comida e bebida. Tudo isso indicará se tal pessoa é *tacaña* (mesquinha) ou se *passou bem* seu *cargo*. O bom anfitrião é conhecido como *allintampito*, palavra quéchuá que designa aquele que recebe bem, que oferece com fartura, *sem medir* comida e bebida (sem controlar no sentido de mesquinhar). O pior anfitrião é aquele que *tendo não quer dar*, a pessoa que mesmo possuindo recursos, não aceita passar *cargo*, ou mesmo que passe se empenha para gastar o mínimo possível. Dar e compartilhar são atitudes sempre vistas como positivas, sendo o *ayni* em seu sentido mais amplo um princípio central nas sociedades andinas. Portanto, exercer o movimento contrário, não dar, reter, acumular, guardar para si, ser avaro, é algo muito mal visto, assim como ser ambicioso.

DA IMPORTÂNCIA DE COMER JUNTO, DE COMPARTILHAR SUBSTÂNCIAS

Agosto é o mês em que a terra é preparada para a sementeira cujo início é setembro. Dia 1º de agosto a terra está *aberta*, não sendo recomendável tocá-la, por isso dificilmente se encontrará alguém trabalhando nas *chácras* esse dia. A Festa da Água marca o início do calendário agrícola e sua realização se dá ao longo de vários dias (entre 14 e 26 de agosto). Andamarquinos residentes em outras partes do Peru e do mundo fazem o possível para comparecer na maior festa de seu *pueblo*, a mais animada de todas, em que mais se *desfruta* e se *goza*, deixando o pequeno povoado cheio de vida por poucos dias.

As oferendas ou *pagos* (*despachos* ou *pagapas*) para a água e para a *Pachamama* (mãe terra) são feitos logo no início, geralmente de 14 a 18 de agosto, pelos *setores* de irrigação que utilizam mais água. Considera-se necessário *pagar a terra para que se tenha uma boa colheita* com vinho, aguardente, *chicha* (bebida fermentada de milho), água corrente e incensos para defumação (*sahumada*). No local de cada *pago* são depositados na terra, num buraco bem fundo, pequeninos jarros de cerâmica feitos especialmente para a ocasião, os quais contêm todos os líquidos. Se os pequenos jarros caem em pé significa *boa sorte* para a colheita; se algum deles virar derramando o líquido é sinal de *má sorte*, o que se expressará através de um ano agrícola ruim. A *Pachamama*, assim como outros seres não-humanos come, bebe e gosta de ser lembrada. Por isso é preciso ofertar, dar a *Pachamama* para que ela não se zangue e não *te faça mal* (*hacer daño*).

Antes da sementeira acontece a irrigação, uma atividade muito organizada, com dia e hora para começar, além de uma ordem específica, sendo realizada sempre de baixo para cima. Os *andenes* mais abaixo são os primeiros a serem regados, e os de cima são os últimos, evitando-se assim desmoronamentos. A água passa por todas as chácaras, completando um circuito previamente planejado. O dono do *andén* recebe a água e após utilizar o que tem direito deve *passar* para o próximo, e assim sucessivamente.

Enquanto a irrigação pode ser feita por uma ou duas pessoas, a sementeira envolve sempre mais de um participante. As tarefas de separar sementes, abrir sulcos com arado de touros e depositar sementes possui um tom festivo, sobretudo se o produto plantado for milho, ocasião em que se faz *Pito*, denominação para a comemoração familiar que acontece nas *chácras*. *Pito* é o nome da bebida de consistência pastosa que se prepara especialmente para essa celebração sendo muito apreciada pelos andamarquinos. É o resultado da mescla de *chicha de qora* com *machka*, uma farinha fina de cereais variados, açúcar e canela.

Apesar de ser uma festa considerada familiar todos estão virtualmente convidados para o *Pito*: alguém que porventura esteja passando por perto, um vizinho de chácara ou de casa, um parente distante, um conhecido, um visitante. Enfim, qualquer pessoa será recebida da mesma forma, com comida e bebida - procedimento adotado pelos anfitriões em todas as festas em Andamarca. Segundo a etiqueta local, cabe ao visitante levar uma garrafa de vinho

ou de outra bebida alcoólica, e um par de flores grandes de cores vibrantes para oferecer ao casal dono da *chácara*, que deve usá-las no chapéu sinalizando a ocasião festiva. Caso a pessoa seja surpreendida por um convite e não disponha de nenhum dos dois artigos para oferecer no momento, será recebida da mesma forma, devendo aceitar tudo que lhe oferecerem, deixando para retribuir no futuro.

Pouco antes de iniciar o trabalho, o dono da *chácara* costuma oferecer *chicha* a todos e antes de cada um beber deve aspergir em cima de cada tipo de semente *para que elas cresçam*. São feitas libações com vinho para a *Pachamama*, *apus* (os cerros protetores) e antepassados, para que tudo corra bem (*te vaya bien*) durante as atividades e para que os cultivos cresçam devidamente. Iniciada a sementeira, as mulheres estão encarregadas de depositarem as sementes – ainda que vez por outra isso possa variar –, e os homens, geralmente uma dupla, assumem o papel de aradores, um deles guiando os touros e o outro empurrando o arado. Se o terreno for grande são necessárias várias mulheres para se responsabilizar por trechos dos sulcos que vão sendo abertos. A cada passo, colocam-se duas ou três sementes, dependendo do tamanho. Quando o estoque de sementes termina é preciso reabastecer as mantas rapidamente, de preferência uma de cada vez, de modo que o trabalho não seja totalmente interrompido. Para que a atividade seja executada com sucesso, pois possui um ritmo bem marcado, demandando sincronia e agilidade da equipe, é fundamental que o apoio entre os participantes seja recíproco. Caso contrário, o trabalho *não avança*, o que de forma alguma é desejável, havendo sempre uma porção de preparativos e cálculos para a execução dessas tarefas.

Aqueles que ajudam ou apoiam familiares, parentes ou amigos, podem receber como retribuição uma pequena parte da colheita pelo seu esforço. Dispor de consideráveis quantidades de batatas e de milho significa ter comida garantida por determinado período, poder celebrar festas, fazer trocas com parentes e amigos, e até ganhar dinheiro com a venda de parte do estoque. Costuma-se dizer que antigamente, quando as famílias eram maiores e tinham vários *andenes*, essa era uma prática muito comum entre parentes próximos,

principalmente filhos, noras e *filhos de juramento*¹⁴³. Quando se dá parte do que foi plantado à outra pessoa, essa deve retribuir com um refrigerante, frutas ou outro artigo do tipo, ou uma pequena quantia em dinheiro para ajudar na manutenção das *chácras* até a colheita. Além disso, aquele que trabalha sempre é convidado para comer, mesmo que seja um trabalhador *contratado*, pago por jornada (*peão*). A comida dos trabalhadores sempre é contabilizada à parte de qualquer pagamento. E o momento de ‘comer junto’ durante uma jornada de trabalho é tão importante quanto à execução das atividades.

No campo, durante a plantação de batatas, costuma-se oferecer já no almoço parte do que foi colhido, algo que os andamarquinos de fato adoram: batatas frescas. Mas se for durante o *Pito*, leva-se um prato especial pronto de casa. Se a festividade é realizada em casa, há mais opções de cardápio, porém, o que nunca costuma variar é o fato de que nessas ocasiões, as refeições servidas aos convidados são sempre completas (sopa e prato principal).

Em Andamarca, a comensalidade aparece como um momento criador de sociabilidade e intercâmbio, tanto no compartilhamento repetido e recíproco do cotidiano como durante as festas, momentos extraordinários de grande importância no que se refere à construção de laços e aprofundamento de vínculos (ver Belaunde, 2001; Coconier, 2012; Overing, 1999). À diferença da comensalidade diária, os momentos festivos são mais formais. Deve-se aceitar o oferecido de qualquer forma; caso não seja do desejo do convidado consumir imediatamente, pode solicitar *bolsita* plástica, uma novidade que o permite levar sua porção para casa. O convidado pode ainda levar seu recipiente, sinalizando aos anfitriões que não têm a intenção de recusar o que é oferecido, apenas não pode consumi-lo naquele momento. Nesse caso, a pessoa deve ter alguma razão (doença ou mal-estar físico, ou haver recebido o convite imediatamente após uma refeição) que justifique sua exclusão do momento em que todos estarão comendo juntos. Não se pode simplesmente recusar o oferecido, sendo de grande importância *receber* o que é dado (*hay que recibir*). Os andamarquinos jamais recusam comida entre eles, e os forasteiros tampouco devem fazê-lo. Nas festas maiores, como a Festa

¹⁴³ O parentesco por juramento é um tipo de parentesco cerimonial que ocorre entre pessoas muito próximas *que se congenian*, que se compreendem, que desenvolvem uma afinidade no sentido de proximidade, *que se llevan muy bien*, as quais não ligadas por laços de sangue ou afinidade, e decidem fazer um *juramento* de parentesco, e, assim, passam a ser parentes, o que gera obrigações para ambas as partes

da Água, momentos em que se formam enormes rodas ou *redondelas*, com dezenas de participantes que dançam intensamente variações de sapateados andinos, a bebida deve passar por todos, devendo fazer a *volta (dar la vuelta)* e não saltar (*no saltar*) ninguém, ou, não deixar ninguém de fora. Da mesma forma que um anfitrião pode zangar-se com alguém que recusa sua comida, também pode incomodar-se com os convidados que não dançam e não bebem, dizendo que está gastando em vão (*por gusto*) com músicos e bebidas.

Na compreensão dos andamarquinos, a recusa de comida e bebida é claramente um sinônimo de *desprecio*, uma recusa à interação, à possibilidade de retribuição, ou, à possibilidade de criação de relação. Em oposição, o ato de oferecer é visto como um gesto de *carinho*. Se *no se puede* recusar, tampouco se pode deixar de oferecer, ou convidar. Toda pessoa presente deve ser convidada para comer e para beber, é um *costume* que os andamarquinos dizem ainda preservar diferentemente de outros *pueblos* da região onde pessoas desconhecidas são excluídas. Nota-se uma ênfase numa perspectiva inclusiva, segundo a qual todos estão incluídos sempre; sendo assim, recusar ou não receber significa excluir-se, um movimento contrário ao movimento predominantemente desejado. Isso nos remete à perspectiva que se tem do outro nos Andes, pois uma mesma pessoa ou grupo pode ser vista ora como “nós”, ora como “outro(s)”. Esse pertencimento circunstancial e relativo da pessoa, expressa a necessidade e a complementaridade do outro (ver Ortiz, 1993).

A penalidade máxima da comunidade é um bom exemplo do potencial transformador em ‘de dentro’ e ‘de fora: aquele que cometer uma falta considerada gravíssima receberá uma sanção proporcional: deixa de ser *comunero*, perdendo todos os seus direitos. Para ser um *comunero* é preciso cadastrar-se na *Directiva Comunal*, e para que se tenha acesso a esse direito é preciso ter vivido por dois anos na comunidade, ou seja, convivendo com outros sobre o mesmo território, sob o mesmo céu, compartilhando a mesma água, alimentando-se daquilo que essa terra dá. Primeiro, tornar-se parte da comunidade de fato, depois de direito, status que formaliza os deveres para com a comunidade. Esse movimento de familiarização – que possui seu inverso, à semelhança do que Overing (2006) observa sobre a prática cotidiana de “fazer familiar” entre os Piaroa na Amazônia – possibilita que quase todos, segundo tais condições, possam (des)tornar-se *comunero*.

A IMPORTÂNCIA DE TRABALHAR JUNTO OU DE COMPARTILHAR ESFORÇOS

Em Andamarca o trabalho emerge como forte valor, sendo o preguiçoso uma figura muito negativa, ao contrário daquele que trabalha com sacrifício: *Quem se sacrifica tem para comer, tem suas terras, tem seus animais. Aquele que não tem é porque é preguiçoso*. Cabe destacar que o trabalho por excelência para os andamarquinos é a agricultura, cujas tarefas exigem considerável esforço ou *sacrifício*, algo que segundo eles caracteriza e define o “trabalho”. Assim, o pastoreio, que não requer tanto trabalho no sentido de dispêndio de energia, não é considerado pelos andamarquinos um trabalho como plantar e colher.

As *faenas* são atividades coletivas de grande importância na organização da comunidade. Através delas os *comuneros* realizam grandes empreendimentos em benefício de um coletivo, seja da *comunidade*, de um bairro ou de um *setor* (agrícola ou de pastoreio). Fazer *faena* é uma obrigação dos *comuneros* para com a *comunidade* e uma forma de obter seus direitos: *El que trabaja tiene derecho*. Já aqueles que não cumprirem com suas obrigações recebem sanções estipuladas coletivamente. A obrigação é por família, ou casal e filhos, a menor unidade social. Um dos membros deve comparecer à *faena* em nome da família, ou a família deve enviar alguém em seu lugar, geralmente um *peão* pago para isso. A contrapartida das autoridades é proporcionar *chicha*, coca, bebida e cigarro àqueles que estão trabalhando.

No início de uma *faena* cada pessoa recebe um punhado de folhas de coca e um pouquinho de bebida e cigarro, elementos para *pagar a Pachamama, apus e ancestrais*. Depois disso todos estão aptos a começar o trabalho, via de regra *pesado*, atividades que demandam resistência, força e fôlego – como carregar areia de um local até outro para a construção de um canal. As tarefas consideradas mais *pesadas* são destinadas aos homens, e as menos *pesadas* para as mulheres. Nos intervalos uma senhora serve uma pequena porção de uma bebida alcoólica a todos. É o momento da *miskipa*, de *miskipar*, verbo que significa consumir coisas gostosas (coca, cigarro, *trago*-bebida alcoólica) que também dão força e vigor para seguir trabalhando. Beber durante as *faenas* é algo esperado, sobretudo porque a bebida é considerada como *ânimo*, substância que anima, estimula o trabalho, sendo

indispensável no trabalho coletivo. No entanto, embriagar-se até cair, impossibilitando o trabalho, não é algo bem visto. Se esses momentos se transformarem em *tomadera*, o trabalho não avança, sendo as festas os momentos propícios para as bebedeiras coletivas. Da mesma forma, brincadeiras do tipo *bromas rojas*, literalmente brincadeiras vermelhas, ou melhor, safadas, picantes, estão sempre presentes. Ao brincar o trabalho deixa de ser *pesado*, e não se sente tanto o cansaço. Daí a importância do riso, da alegria durante o trabalho coletivo, momento oportuno também para *fastidiar* alguém, para incomodar no sentido de zombar, brincar. Por isso é importante uma *faena* repleta de participantes, para que o trabalho não se torne pesado e logo termine, encarnando uma mistura de diversão e trabalho.

No dia a dia percebe-se que a divisão em partes é o que torna possível uma competição positiva, semelhante àquela presente na dinâmica dos jogos esportivos, capaz de engendrar o *animo*, como dizem os andamarquinos, para que certos coletivos possam realizar tarefas e atividades pesadas. Sem esse princípio dinamizador, estimulante ou ‘animador’ seria difícil realizar diversas atividades como abrir caminhos e estradas, construir e limpar canais de irrigação. Como mostra o mito que Juan Ossio (2007) extrai do estudo de Salvador Palomino (1984) sobre a comunidade de Sarhua, revelando o que o autor caracteriza como um traço das cosmologias andinas. Quando todos eram iguais e não existiam *ayllus*, não havia “ânimo” para trabalhar. Até que os homens pensaram em se opor uns aos outros, e a autoridade os dividiu. Com a divisão foi introduzido um “estímulo para o trabalho, pois permitiu a competição, que uns rivalizassem com os outros e que se acelerasse o trabalho” (Ossio, 2007; p.47). As oposições desencadeiam uma dinâmica que estimula o ânimo entre os homens para que as tarefas sejam efetuadas com prazer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compartilhar substâncias, no caso comer junto, e compartilhar esforços, trabalhar junto, é o que possibilita a criação de laços e manutenção das relações entre os andamarquinos. O caráter quase festivo do trabalho coletivo, e os esforços compartilhados envolvidos também na preparação das festas, sendo ambas as situações momentos em que há dispêndio de esforços e sacrifícios que visam a melhoria/bem comum de todos, poderia nos

levar a dizer, inclusive, que esses são momentos em que a comunidade se (re)faz, constituindo-se propriamente enquanto coletivo. O conjunto de equipes deve trabalhar de forma sincronizada já que o resultado final depende de todos, assim como as danças possuem sua sincronia. O momento de beber e de comer, assim como de trabalhar e de dançar, também é um momento em que se engendra a construção do corpo do trabalhador, do *campesino*; em que todos estão compondo seus corpos das mesmas substâncias, as quais são despendidas coletivamente, seja dançando, seja trabalhando.

REFERÊNCIAS

- ALLEN, Catherine. 2008. *La coca sabe: coca e identidad cultural en una comunidad andina*. Cuzco: CBC.
- ARCE SOTELO, Manuel. 2006. *La danza de tijeras y el violín de Lucanas*. Lima: IFEA; PUC/Instituto de Etnomusicología.
- BARLETT, Peggy. 1988. “La reciprocidad y la fiesta de San Juan en Otavalo”. *Allpanchis*. Año XX, N° 32, 2° sem.
- BELAUNDE, Luisa Elvira. 2001. *Viviendo bien: género y fertilidad entre los Airo-Pai de la Amazonía peruana*. Lima: CAAAP/BCRP.
- COCONIER, Gala. 2012. “¡Qolaq Sequi’aq! (“¡Vamos a comer!”). Identidad, comensalidad y género en la alimentación de los Qom (Toba) del Centro-Este de Formosa”. In: BABOT et al (ed.). *Las manos en la masa: Arqueologías, Antropologías e Historias de la Alimentación en Suramérica*. Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, Facultad de Filosofía y Humanidades; Museo de Antropología UNC – Instituto Superior de Estudios Sociales UNT.
- ISBELL, Billie Jean. 2005. *Para defendernos: ecología y ritual en un pueblo andino*. Cuzco: Centro de Estudios Regionales Andinos Bartolomé de Las Casas.
- ORTIZ RESCANIERE, Alejandro. 1993. *La pareja y el mito: estudio sobre las concepciones de la persona y de la pareja en los Andes*. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú.
- OSSIO, Juan. 1992. *Parentesco, reciprocidad y jerarquía en los Andes*. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú; Fondo Editorial.
- _____. 1992 b. “El pluralismo cultural peruano en el siglo XX”. In: *Los indios del Peru*. Madrid: MAPFRE.
- _____. 2007. “Andinidad”. In: ABAD CASAL, Lorenzo [et al.]. *Del Mediterráneo a los Andes*. Alicante: Caja Mediterráneo.
- OVERING, Joanna. 1999. “Elogio do cotidiano: a confiança e a arte da vida social em uma comunidade amazônica”. *Mana. Estudos de Antropologia Social*. Rio de Janeiro, v.5 (1):81-107.

- _____. 2006. "What's the difference between a peace corps worker and an anthropologist?" In: POSEY, Darrell Addison; BALICK, Michael. *Human Impacts on Amazonia: The Role of Traditional Ecological Knowledge in Conservation and Development*. New York: Columbia University Press.
- PALOMINO, Salvador. 1984. *El sistema de oposiciones de la comunidad de Sarhua*. Ed. Pueblo, Indio: Lima.